

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

A masculinidade como construção social: um olhar analítico comportamental

Darla Corrêa de Freitas

Sara Langsdorff Sahium

Artur Vandrê Pitanga

Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA

Nota dos Autores

Darla Corrêa de Freitas, discente do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Sara Langsdorff Sahium, discente do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Artur Vandrê Pitanga, doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), docente do curso de graduação em Psicologia no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA e da Faculdade Católica de Anápolis

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Resumo

O presente trabalho tem como tema A masculinidade como uma construção social: um olhar analítico comportamental. Onde o objetivo é justificar e compreender parcialmente os determinantes sociais existentes na formação da masculinidade desde a infância até a vida adulta, além de perceber também os efeitos de curto e longo prazo na sociedade a partir dessa interação homem e contexto. A escolha desse tema surgiu após o contato com o documentário “O silêncio dos homens” que evidenciou alguns questionamentos sobre a forma como a masculinidade foi construída e seus efeitos sociais. O conteúdo do documentário foi analisado tendo como inspiração os pressupostos do behaviorismo radical para assim responder se a masculinidade tóxica é uma construção social, seus efeitos diretos e indiretos suas evidências e o que pode ser feito para modificá-la. Outros pontos que podem ser destacados são: a importância do feminismo para a percepção da masculinidade toxica como um fenômeno social alarmante e a contribuição dos grupos de apoio e reflexivos para homens e meninos que tem como objetivo realizar uma psicoeducação dentro dos temas que eles vez ou outra esbarram durante a vida e na busca sobre o que é a masculinidade. Foi possível concluir então que a masculinidade é sim um resultado da organização social que temos, considerando que essa é uma realidade que pode ser modificada uma vez que a sociedade está em constante readaptação e desenvolvimento. A infância apresenta-se como a melhor fase para que haja a “intervenção” desses novos conceitos e modelo de se construir o masculino, podendo ser trabalhado inclusive em ambiente escolar o que os torna bastante eficazes. Porém, a mudança comportamental pode acontecer em qualquer fase da vida buscando o contato com esses conceitos.

Palavras-Chave: Análise do Comportamento, masculinidade e etc.

Introdução

A expectativa de vida dos homens na Região das Américas é 5,8 anos menor que das mulheres, afirmam também, no relatório publicado no dia 19 de novembro de 2019 que 1 a cada 5 homens americanos não alcançarão a marca dos 50 anos (Organização Pan-Americana de Saúde Brasil, 2019). O Ministério da Saúde em 2018 publicou um documento mostrando que os homens de 20 a 59 anos tem maior morbimortalidade quando comparados a mulheres da mesma faixa etária (Ministério da Saúde Brasil, 2018). Os resultados acusam que os homens se envolvem e morrem mais em acidentes de trânsito, são a maioria da população carcerária, abusam de álcool e drogas e negligenciam a saúde de forma geral, ou seja, os homens tendem a ter repertórios comportamentais de risco mais frequentes que as mulheres. Tais dados, chamam atenção e revelam a vulnerabilidade do homem, encoberta e ignorada, pelo fenômeno, nada atual, que chamamos de masculinidade tóxica ou machismo. Esse fenômeno, percebido como socialmente construído, deve ser tema de discussões e considerações frente às ações públicas e sociais.

O crescimento da masculinidade tóxica tem sido percebido em dados estatísticos e pesquisas realizadas por diversas áreas da Ciência como um fenômeno negativo enraizado e que compõe historicamente a sociedade. Ela pode ser percebida não só nos homens em si, mas respinga e atinge diretamente toda a sociedade, que tende a repetir padrões comportamentais, que mesmo discretos, reforçam e legitimam essas ações.

De acordo com Braz (2005) o homem em sua incessante tentativa de ser másculo se distancia de ideais de cuidado com o corpo e se torna mais suscetível ao adoecimento. Em relação à saúde mental da mesma forma; o paradigma social passado aos meninos quando criança, de homem não chora, não sente e não fala de seus problemas cria uma imagem do homem intocável e poderoso. Ato que está intimamente ligado com o fato de homens terem dificuldades em reconhecer e nomear suas emoções. Os sentimentos não compreendidos por si mesmo e pelos outros se acumulam e se transformam em um peso a mais. Peso que deve ser carregado pelo homem, pois socialmente, ele não deve se abalar com questões psicológicas ou físicas e tem de ser forte para enfrenta-las de forma discreta e de preferência até imperceptível.

O Ministério da Saúde (MS) tem recomendado aos profissionais que façam a conscientização dos homens que chegam a unidade de saúde para assim evitar que os mesmos precisem com frequência e diretamente da Atenção Terciária, que por sua vez compõe a última camada de divisão dos níveis do SUS (Sistema Único de Saúde) composta por hospitais de grande porte e especializados para a realização de procedimentos de urgência, mais invasivos e

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

de maior risco a vida. Essa estratégia tem como intenção tornar a Atenção Primária, que configura a porta de entrada do Sistema Único de Saúde responsável pela promoção, proteção e recuperação da saúde, saneamento básico e apoio ao diagnóstico, é composto por Unidades básicas de saúde onde além dos procedimentos básicos é possível marcar exames e consultas e realizar a psicoeducação, tornando esse nível eficiente por ser de caráter preventivo (Juliani & Ciampone, 1999).

O presente projeto de trabalho de conclusão de curso tem como justificativa fundamental a necessidade compreender parcialmente os determinantes sociais existentes na formação da masculinidade, desde a infância até a idade adulta. Ao compreender de maneira mais acurada a educação social dos meninos, a comunidade acadêmica poderá lançar luzes sobre quais caminhos pais e educadores podem percorrer para desenvolver uma sociedade que valorize relacionamentos saudáveis e igualitários entre homens e mulheres

Ao observar algumas questões reflexivas levantados pelo documentário “O silêncio dos homens”,¹ percebeu-se a importância de investigar como a masculinidade tóxica, aqui vista como um comportamento aprendido, é formada. O conteúdo do documentário em questão será analisado tendo como inspiração os pressupostos do behaviorismo radical. A análise qualitativa ocorrerá em três passos: a) análise do contexto social/histórico da masculinidade tóxica; b) suas formas de manifestação; c) e consequências aversivas para a sociedade.

Sendo assim, esse trabalho tem como caminho norteador a Análise do Comportamento, uma abordagem que busca compreender e explicar o ser humano através da sua interação com o ambiente, considerando os aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais, para assim responder se a masculinidade tóxica é uma construção social, seus efeitos diretos e indiretos, suas evidências e o que pode ser feito para modificá-lo.

Referencial Teórico

O comportamento é compreendido e explicado a partir de três fatores, são eles: filogenéticos, ontogenéticos e a cultura, esses fatores nos tornam tanto organismos quanto pessoas. Sua ocorrência acontece graças a estímulos, e a manutenção do mesmo depende de questões como reforço imediato ou não, punição e etc., em um formato de interação indivíduo-ambiente. Algumas práticas culturais podem ser letais para o bem da própria cultura, como por exemplo: uso de álcool, tabagismo, a violência, destruição da natureza entre outros. Agir para o bem da cultura é o mesmo que garantir a sobrevivência da mesma (Abib, 2001).. As

<https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

influências sociais, por vezes, reforçam e legitimam os comportamentos, apresentados no presente trabalho, machistas e também de masculinidade tóxica. A grande questão é, onde chegaremos com a manutenção desses comportamentos? Esses comportamentos não configuram uma sociedade fadada ao fracasso ou preenchida de ruídos e enfraquecimento? A violência não seria uma prática cultural reforçada mesmo diante de um repertório comportamental não assertivo?

Diante disso é possível perceber a importância da valorização e incentivo da aprendizagem na sociedade pois é a partir dela, que por sua vez aparece constituída por família, escola, mídia e etc., que os comportamentos passam a ser filtrados ou não, sugerindo não apenas modelos comportamentais, mas também passam a ser reforçadores de comportamentos assertivos.

Compreende-se que as determinações de “atividade de homem e atividade de mulher” não são ideais criados pelos próprios sujeitos; mas sim, construções sociais baseadas na cultura dos indivíduos (Siqueira, 1997). Levando em conta que o contexto sócio-histórico e a vivência pessoal são fatores de influência na construção do ideal de gênero; entende-se que uma criança inserida em uma sociedade com ideais e valores aprendidos em seu contexto familiar tem maior probabilidade em reproduzir esses ideais e valores em suas relações interpessoais.

Isso se dá, pois, os comportamentos e papéis sociais aprendidos, são repassados através de vínculos familiares ou redes sociais próximas (Siqueira, 1997). Assim, os comportamentos de uma pessoa surgem a partir de sua interação social e são resultado do meio em que está inserido. Esse contexto comportamental nos leva a perceber que, sendo assim, os grupos de interesse também são determinados pelo contexto social, uma vez que nos juntamos com outros que possuem interesses similares ao nosso.

Braz (2005) faz uma reflexão sobre a construção social do “ser homem”. A autora compreende que a sociedade espera do homem uma imagem de força e virilidade; cobra-se uma prova de sua masculinidade. O homem deve provar constantemente seu valor e o faz buscando se diferenciar ao máximo do ideal de mulher. A mulher é vista como frágil pois se atenta a questões de saúde e beleza, conseqüentemente se mostram mais presentes na Atenção Primária (prevenção) e clínicas, fazendo com que a ideia de cuidado e prevenção sejam características femininas.

Social e historicamente os homens são cobrados, desde a infância, a desenvolver formas de comportamentos que, pode-se dizer: “eles sabem o que fazer”, mas “não sabem como fazer”. A escola e a família, como contextos de educação, nem sempre estão atentas às mudanças necessárias na construção social de meninos. Esses meninos, por vezes, se comportam de

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

maneira contrária à educação que receberam. Além do mais, podem ficar perdidos em meio a ideologias que os excluem e os responsabilizam

A característica comunitária de alguns ideais o torna socialmente relevantes, como é o caso do sistema patriarcal. Tal sistema pode ser definido como uma “organização social” onde homens e mulheres vivem em uma relação hierárquica, sendo que, mulheres são submissas aos homens; nesse sistema os homens mais jovens também vivem essa mesma relação, estando hierarquicamente abaixo dos mais velhos (Narvaz & Koller, 2006). Compreendemos então que, no patriarcado, o homem é o provedor primordial do lar; é dele que vem os recursos para a manutenção familiar e sua palavra tem um peso maior do que todas as outras; sendo o homem o responsável por manter, prover e decidir por uma família.

Observando o contexto sócio-histórico do Brasil percebe-se a perpetuação do sistema familiar patriarcal por um longo período de tempo; período esse que os homens possuíam destaque não só no sistema familiar, mas também nos sistemas políticos e sociais. A sociedade brasileira era composta por homens e mulheres que compreendiam que a liderança masculina era a melhor opção; e assim pensavam seus filhos e netos por serem ensinados da mesma maneira. Hoje os modelos dessa figura masculina não estão presentes apenas no ambiente familiar, mas também em programas de televisão, desenhos animados e escola. Sendo assim, delimitar o ambiente de uma de uma criança é automaticamente filtrar suas influências sociais; por isso a família ainda é percebida como a principal fonte de influência comportamental, já que é a instância reguladora primária com comportamento infantil e de suas relações.

Moreira e Medeiros (2007), em sua obra *Princípios Básicos de Análise do Comportamento*, trazem alguns conceitos que podem auxiliar na explicação do caráter contínuo dos ideais machistas e patriarcais. Conceitos como reforço e punição auxiliam no processo de aprendizagem do ser humano no que diz respeito à aquisição de novos comportamentos, bem como na forma com que o indivíduo se relaciona com o meio.

Em sua interação com o ambiente, o indivíduo emite comportamentos que por sua vez resultam em consequências que alteram o meio, alterando também as formas de interação desse indivíduo. Quando as consequências de uma ação fazem com que as chances desse comportamento ocorrer novamente aumentem, chamamos essa relação de “contingência de reforço” (Moreira & Medeiros, 2007). Em um contexto de relação, quando se emite um comportamento socialmente aceito se é reforçado pelas pessoas e contextos que os cercam, seja com elogios, admiração ou até mesmo com o engajamento da pessoa no assunto citado, assim, aumenta-se as chances do comportamento ocorrer novamente. Percebe-se uma contingência de reforço para a manutenção de comportamentos machistas e patriarcais até nas esferas mais

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

simples da sociedade; como por exemplo quando se incentiva mais os meninos a buscarem emprego pois o homem deve ser o provedor, ou quando se ensina a menina a pôr a mesa e a fazer um delicioso lanche para impressionar a visita, pois socialmente, esse é o esperado de uma mulher.

Os autores também trazem outras variáveis resultantes do reforço, como por exemplo a seleção de comportamentos. Ao se reforçar um comportamento aumenta-se a probabilidade de ocorrência dele, pode-se também diminuir a probabilidade de ocorrência de comportamentos diferentes do reforçado. Sendo, assim, em uma sociedade onde por vários anos se é reforçado determinado tipo de comportamento, atitudes diferentes passam a ser menos interessantes e desencorajadas, diminuindo então, a probabilidade do surgimento de correntes de pensamentos diferentes do pregado no geral. Além da diminuição de comportamentos diferentes do reforçado, os autores também descrevem uma “diminuição na variação da topografia de resposta” (Moreira & Medeiros, 2007). Isso significa que quanto mais um comportamento é reforçado maior a probabilidade de que ele ocorra da mesma maneira/forma, pois essa é uma forma de validação do comportamento emitido. Se uma pessoa é sempre elogiada por algo que ela faça, tende-se a fazer essa atividade sempre da mesma maneira pois compreende que aquela maneira é funcional. Assim, quando meninos e meninas agem de determinada maneira que seja condizente com o que se espera deles, são reforçados e passam a sempre agir desta maneira e posteriormente, passando esse “costume” para seus filhos.

Por outro lado, com o objetivo de eliminar algum comportamento, os autores trazem o conceito de punição; que por sua vez é uma maneira de invalidar o comportamento emitido, sendo assim, consequências de ações que diminuem a probabilidade de nova ocorrência do comportamento punido. Esse conceito apresenta uma característica peculiar; a resposta de diminuição do comportamento punido, tende a ocorrer apenas na presença do agente punidor, ou seja, se um indivíduo é punido pelo sujeito “x” e não pelo sujeito “y”, o comportamento punido tende a diminuir na presença de “x” e continuar ocorrendo na presença de “y”. Outra característica importante da punição é o caráter quase que imediato da supressão do comportamento; ou seja, quando um indivíduo é punido por determinado comportamento ele tende a não repetir o mesmo comportamento.

A punição pode ser percebida como uma atitude comum dentro do processo de perpetuação do machismo e patriarcado, mais especificamente, na perpetuação de relações tóxicas e abusivas. Comumente quando um menino expressa seus sentimentos, conflitos e/ou vulnerabilidades, tem esse comportamento punido por seus familiares; punição essa que não costuma ocorrer quando uma menina apresenta o mesmo comportamento. Assim inicia-se a

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

construção do ideal de que homens não expressão o que sentem, e que quando o fazem, as consequências são desagradáveis.

A agressividade é um tema importante quando se trata do universo masculino. Vários estudos buscam compreender a relação entre a agressividade e os homens, bem como, o motivo de homens estarem mais vezes envolvidos em atividades violentas. É possível compreender que expressar-se de forma violenta é comportamento aprendido, pois diz respeito à algumas ações presentes em nosso repertório comportamental herdado de nossa espécie. Mas percebe-se que as formas e contextos de expressão, dependem não só desse repertório, mas também de contribuições ambientais na história de vida do sujeito (Timoteo, Mendes & Guimarães, 2009). 2009). Compreende-se, contudo, que punição como sinônimo de agressão, faz parte do universo da interação das pessoas, principalmente do contexto masculino. Consequências punitivas são logo aprendidas e perpetuadas como maneira de controle aversivo por parte de homens que, entre outras coisas, visam subjugar culturas, territórios, bens de consumo, discursos, ideias, sexualidade e gênero.

Uma pesquisa realizada em Porto Alegre em 1998, entrevistou 76 famílias com adolescentes agressivos e não agressivos de escolas públicas e particulares. As autoras concluíram que adolescentes com repertório comportamental violento foram expostos a situações de violência em casa. O resultado encontrado reforça a ideia de influência familiar e modelos comportamentais. Ao conviverem com situações de violência entre familiares e por parte dos familiares, as crianças do estudo adquiriram um repertório comportamental violento. Mais tarde, ao entrar em contato com outros grupos sociais, como por exemplo na escola, tal repertório foi colocado em prática por meio de palavras, atitudes e brincadeiras. Percebeu-se também, que adolescentes punidos fisicamente, se calam quando questionados em relação às punições (Meneghel, Giugliani, & Falceto, 1998).

Metodologia da Pesquisa

O presente trabalho buscou responder as questões levantadas, por meio de uma pesquisa documental, explorando registros na cultural atual sobre masculinidade tóxica/punitiva. Partindo das hipóteses levantadas as autoras foram em busca de autores que escreveram sobre temas semelhantes e a partir do estudo e aprofundamento destes escritos, visão ampliar o conhecimento sobre o tema pesquisado e contribuir com pesquisas futuras. Foram utilizadas fontes de pesquisas primárias, caracterizando assim, o escrito como uma pesquisa básica e qualitativa.

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

O método escolhido visa aprofundar o conhecimento já existente sobre a construção social da masculinidade, bem como compreender os impactos sobre os homens e suas relações familiares e interpessoais. Muitas pesquisas relatam os efeitos da masculinidade sobre o universo feminino, o presente trabalho busca compreender esses mesmos impactos em uma ótica masculina e expor como os homens também são vítimas de sua própria masculinidade.

Resultados

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Papo de Homem (Instituto PdH), entrou em contato com mais de 40 mil entrevistados para pesquisar acerca a masculinidade dos homens. Os dados dessa pesquisa foram base para a criação do documentário “O silêncio dos homens”, inspiração primordial para a escrita do presente trabalho. Inicialmente, o curta traz um panorama explicativo de como os movimentos femininos foram e ainda são de grande importância para o desenvolvimento e amadurecimento de grande parte da população masculina. Defende também, que ao mostrar o “lado dos homens” e desenvolver projetos voltados para eles, não significa ir contra movimentos femininos, mas sim, agir de forma complementar. Em termos gerais, o documentário retrata e expõe os sentimentos e sofrimentos que os homens se submetem ao tentarem ser genuínos, bem como reconhecer, nomear e externalizar o que sentem; mostra os impactos do sistema machista e patriarcal que se vive até os dias atuais no Brasil.

A pesquisa de base para o documentário traz o termo “masculinidades”, que diz respeito às várias formas que a masculinidade assume e como cada homem em sua história de vida reflete o “ser homem”. A característica multifacetária da masculinidade nos revela o ponto de partida desse escrito; a masculinidade é uma construção social. O Brasil sendo um país dono de várias culturas dá à masculinidade um caráter singular mesmo apresentando tantos pontos em comum. O papel social atribuído ao homem depende de um contexto sócio-histórico que o mesmo está inserido, sendo assim, características masculinas e o que se espera de um homem se difere a cada momento histórico, bem como, a diferentes sociedades.

A pesquisa mostra que os homens brasileiros são ensinados a se silenciarem frente à suas emoções, bem como problemas pessoais, fraquezas e medos. Destaca-se que 57% dos entrevistados concordam totalmente ou parcialmente que foram ensinados durante a infância a não demonstrar seus sentimentos; e 42% nunca ou raramente conversão sobre problemas, medos e dificuldades com amigos próximos. Isso traz à tona a realidade solitária que os homens vivem,

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

não compartilham anseios nem angústias, passam por situações estressantes e muitas vezes traumáticas sem buscar ajuda. Entende-se que essa característica seja um dos motivos pelos quais os homens vivem menos que as mulheres e se suicidam mais (IBGE); e quando sofrem algum tipo de abuso sexual, demoram cerca de 20 anos para compartilharem a experiência com alguém (Associação Quebra o Silêncio). A pesquisa realizada pelo Instituto PdH, também verificou que atualmente 6 em cada 10 homens acreditam que possuem algum tipo de distúrbio emocional e somente 3 em cada 10 homens relatam ter costume de conversar com amigos sobre problemas pessoais. Perceberam também que 6 em cada 10 homens foram ensinados a não compartilharem e expressarem seus sentimentos com terceiros; sendo que apenas 2 entre esses 10 relatam ter vivenciado na infância exemplos de como lidar com suas emoções e fragilidades.

Os autores finalizam a apresentação dos dados com uma reflexão sobre a luta social para mudar o cenário encontrado na pesquisa. No estudo, a liberdade e responsabilidade dos homens são colocadas como pontos almejados e que podem ser adquiridos sem tirar esses mesmos benefícios das mulheres, compreendendo que elas assim como os homens, são dignas de seus direitos e oportunidades.

A pesquisa do Instituto PdH traz algumas consequências do machismo para os próprios homens, sendo elas, o sufocamento da subjetividade, o “sentir-se preso” à uma definição rígida do que é ser homem, a escolha forçada e aprendida de se manter calado frente a situações emocionalmente estressoras e a punição social que recebem ao não esconderem suas fragilidades. Assim como a ideia defendida nesse escrito, os autores da pesquisa defendem que a masculinidade é “construída e reproduzida socialmente” (O Silêncio dos Homens), e também defendem uma responsabilização sem culpabilizar.

Para a construção do presente escrito também foram analisadas a fundo outras duas produções. *Miss Representation*², um documentário dirigido e produzido por Jennifer Siebel Newsom, lançado em janeiro de 2011 e *A Máscara em que Você Vive*³, documentário também dirigido por Jennifer Siebel Newsom e produzido por Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon, Jessica Anthony, lançado em janeiro de 2015; ambos disponível na plataforma Netflix.

O documentário *Miss Representation*, retrata de forma sucinta os impactos da mídia na sociedade, de forma mais específica, nas mulheres. Além de contextualizar os movimentos feministas, o documentário aborda temas como violência sexual, exposição, objetificação e

² <https://www.netflix.com/watch/70167128?source=35>

³ <https://www.netflix.com/watch/80076159?source=35>

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

hipersexualização da mulher, sororidade, representatividade, padrões de beleza, dentre outros. São retratados momentos históricos decisivos para os movimentos feministas como por exemplo durante a 2ª guerra mundial, onde houve uma expansão feminina no mercado de trabalho, uma vez que grande parte dos homens estavam guerreando; ao final da guerra, houveram grandes movimentos sociais midiáticos com o intuito de que as mulheres voltassem para suas casas para que os homens pudessem assumir novamente os cargos trabalhistas. Também são citadas figuras femininas detentoras de poder, bem como a importância da mudança dos padrões impostos pela mídia.

O documentário “The mask you live in - A máscara que você habita” tem como objetivo mostrar a vivência de homens e meninos diante de um cenário que os impõe um modelo específico de masculinidade e masculino.

Reuni de forma estratégica e brilhante testemunhos, compostos de falas e sentimentos, em que relatam a dor, sofrimento e sentimento de solidão desde a adolescência.

Especialistas pontuam a mudança comportamental dos meninos ao saírem do jardim de infância, onde muitos deles perdem amigos e se distanciam de relações íntimas justamente por tomarem consciência do modelo ideal de “homem”. Essa distância acarreta inúmeras consequências, pois além de se isolarem socialmente, não se permitindo serem vulneráveis, esses meninos iniciam jornadas que os levam para válvulas de escape perigosas e que os colocam em situações de risco. Por isso, tendem a abusar de álcool e drogas, além de se envolverem com grupos agressivos.

Mostram com imagens e palavras o sentimento de estar sozinho, de sempre usarem uma máscara para esconder suas vulnerabilidades e fraqueza, além também, de esconder sua história.

No documentário os profissionais pontuam fortemente a importância da criação de ambiente seguros e acolhedores para essa vulnerabilização, chamando a atenção principalmente para os homens que ocupam lugares de liderança na sociedade, por acreditarem que eles podem alcançar muitos rapazes.

Discussão

No longa Miss Representation, os participantes fazem uma análise dos padrões de beleza impostos pela mídia às mulheres e como essa imposição afeta negativamente as mulheres e positivamente a economia. Fazem também, uma rica reflexão sobre as influências desses padrões no desenvolvimento de transtornos alimentares e de imagem; onde mulheres famosas e modelos se encaixam em um padrão distante e de difícil alcance e passam ao público uma imagem de felicidade e bem-estar relacionada a determinado padrão.

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

O público por sua vez absorve o conteúdo e entendem a partir de um processo de generalização que mulheres felizes e bonitas são necessariamente magras, brancas, com cabelos sedosos e com unhas e peles perfeitas; gerando nas mulheres uma insatisfação com seu próprio corpo e o desejo incessante de ser como as mulheres das mídias. Os homens por sua vez reforçam esse ideal ao buscarem como companheiras as tais mulheres perfeitas e reforçando a busca de outras mulheres a serem como elas.

Ao ver uma “mulher padrão” outras mulheres desejam ser como ela, sendo assim buscam imediatamente encontrar alguma similaridade entre a mulher da TV e ela mesma. Se há alguma similaridade essa mulher se motiva a ser cada vez mais parecida com o padrão; comportamento esse que é reforçado por outras mulheres que agora buscam nela algo para se identificar. Na busca incessante de ser como a “mulher padrão” muitas deixam de lado alguns pontos importantes nesse processo, como por exemplo realidade financeira, genética e estrutura corporal.

Os exemplos citados acima são decisivos para que essa mulher se pareça ou não com a “mulher padrão”. Ao se deparar com alguns desses empecilhos além de passar por um processo de frustração a mulher pode ultrapassar alguns limites de seu corpo, resultando assim em problemas de saúde que muitas vezes até esmo as “mulheres padrão” tem. Hoje com a conscientização da população feminina sobre esse tema há uma leve, mas importante, mudança nos padrões corporais midiáticos. Atualmente com os clientes pensando de uma forma diferente, a mídia tende a se adaptar às “mulheres reais” e não ao contrário; mudança essa que trabalha fortemente com o processo de identificação do comprador com o produto.

O documentário também traz uma discussão sobre mulheres que ocupam lugar de poder; percebe-se um paralelo entre como a sociedade encara um homem no poder e como encara uma mulher. Um homem em um cargo alto é encarado de forma normal para todos e dificilmente questiona-se sua competência e as formas com que ele chegou a tal cargo; se esse mesmo homem tiver uma família ele seja aclamado por prover para os seus; mas optar pela solteirice, é facilmente compreendido pelos outros. Por outro lado, o longa traz uma perspectiva muitas vezes involuntária sobre mulheres poderosas; além de terem que provar sua competência, faz-se uma analogia ao que é retratado em filmes, de que a mulher que trabalha vive apenas para seu trabalho; conseqüentemente tem-se um ideal que se a mulher trabalha ela não é uma boa mãe, não possui vida social e é considerada uma “bitch boos”.

Os pesquisadores participantes trazem algumas mulheres que vão contra o que os padrões impões e explicam conceitos que podem ajudar o universo feminino a se transformar em um ambiente não punitivo. A sororidade, que pode ser brevemente definida como uma

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

relação de irmandade entre as mulheres, pode auxiliar a gerar o sentimento de pertença das mulheres com grupos femininos que lutam por direitos, defendem causas ou discutem pautas. Sentimento esse, que trabalha como um atrativo para que outras mulheres também se sintam atraídas e compreendam a importância da união.

Trazem também a representatividade, que assim como a sororidade, aumenta o sentimento de pertença à um grupo e nesse caso é um auxílio para que mulheres e meninas possam se inspirar. O documentário traz a advogada e política norte americana Hillary Clinton, como um exemplo desse termo; entende-se que ao ver uma mulher exercendo um cargo específico, outras mulheres compreendem que também são capazes de exercer o mesmo cargo. Sendo assim, além de sentimento de pertença grupal e identificação, ocorre também uma motivação interna e externa para alcançar objetivos que sem representatividade poderiam ser distantes.

“A máscara que você habita” pontua fortemente a importância de entender o conceito de feminino e masculino, não ligando imediatamente o que é feminino a fraqueza, como atualmente ainda é feito. Chamam a atenção para a necessidade de tornar homens e mulheres cada vez mais humanos, e passam pelo caminho do cuidado e atenção ao que somos e precisamos.

Assim como no documentário anterior a importância da representatividade é salientada e faz um convite a todos os homens que, por sua vez, são como exemplos para outros homens e meninos, que adotem posturas de incentivo para a mudança do conceito masculino.

Conclusão

Os movimentos feministas estão em posição atual de destaque em vários âmbitos; as mulheres têm buscado seus direitos e oportunidades, atraindo a atenção de diversas áreas do conhecimento. Os estudos e a compreensão da masculinidade, por sua vez, têm sido de pouco interesse nas esferas acadêmicas, principalmente no campo da análise do comportamento. Sendo assim, percebe-se a carência de pesquisas e produção de conhecimento sobre a concepção e o desenvolvimento do que podemos denominar de “universo masculino”.

Tais movimentos, compreendem o ser humano como um ser que está em uma posição de responsabilidade em relação às dinâmicas sociais e apontam vários comportamentos provenientes de atitudes machistas prejudiciais ao desenvolvimento dessa sociedade. Durante a construção do presente escrito, foi possível perceber a importância de se voltar acadêmica e socialmente para a educação social de homens, mulheres e crianças para difundir temas e

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

discussões importantes, que podem ser auxiliares para a construção de um novo pensamento coletivo.

Identificou-se também, que a masculinidade é um resultante de interações sociais, ou seja, é um apanhado interno de todas as formas de “ser homem” que já foram aceitas até hoje. Tal característica demonstra que temas como machismo, patriarcado e masculinidade tóxica, são temas difundidos e reforçados não só pela porção masculina da sociedade, mas também pelo universo feminino; isso se dá pois vivemos em conjunto em uma mesma sociedade, construída pelos mesmos ideais.

A intensidade e o reconhecimento de tais temas, bem como o “colocar em prática” ou não, vem da porção subjetiva de cada um, formada pela história de vida e experiências passadas que, por sua vez, possuem alto nível de influência na formação de nossos pensamentos, ideias e opiniões. Pensamentos esses que ao serem transmitidos de pais para filhos ou agregados ao repertório comportamental a partir da interação individual com grupos ou pessoas que possuem tais pensamento e características, passam a ser agregados a nosso pensamento social e entendido como algo que faz parte da sociedade.

Isso significa que a mudança de atitude necessária e almejada nos dias atuais é uma responsabilidade de todos e não só da parcela de pessoas que ainda colocam em prática tais atitudes desinteressantes para o contexto atual. Por isso a importância de debates e explicações por parte daqueles que já aderiram a mudanças, bem como, o interesse e compreensão daqueles que ainda estão em processo de readaptação.

O que chamamos de “educação social”, pode ser definido como um conjunto de ensinamentos necessários para uma boa convivência grupal. Aqui engloba-se temas como respeito, companheirismo, educação sexual e emocional, cuidados com o meio ambiente, dentre outros. Temas esses que ao serem trabalhados e internalizados desde a infância se tornarão comuns e assim serão ponte para uma convivência social não punitiva.

Destaca-se a importância da apresentação desses temas às crianças, a partir da percepção de que a infância é o melhor momento do desenvolvimento para adquirir e desenvolver repertório de habilidades importantes para as interações sociais ao longo da vida. Sendo assim, entende-se a importância do ambiente escolar e familiar nesse processo, já que são os grupos sociais que as crianças mais têm contato inicialmente. A família como sendo a principal instituição de poder na vida de uma criança, possui a abertura para apresentação e introdução de habilidades sociais; a escola por sua vez, é o local ideal para se colocar em prática e perceber o que é necessário aperfeiçoar.

A MASCULINIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Esses movimentos que começam na infância precisam de manutenção também, e de forma muito importante, na adolescência, por ser o período onde a mudança comportamental é evidenciada, onde o abuso de álcool, drogas, sexo desprotegido e envolvimento com grupos agressivos que tendem a acontecer cada vez mais cedo.

Atualmente é possível ouvir sobre grupos de homens, realizados em comunidades, que se dedicam a formar uma espécie de rede de apoio. Normalmente contam com assistentes sociais, psicólogos e, dentro das escolas, professores. Esses profissionais, em sua maioria voluntários, buscam realizar o acolhimento, a desconstrução do que é ser homem e do masculino, a psicoeducação sobre sexualidade, violência, saúde, heterossexualidade e homossexualidade, papel do homem na sociedade e etc. Alguns Estados do Brasil contam com Grupos Reflexivos para homens autores de violência doméstica, que tem como objetivo diminuir o número de reincidência e promover a conscientização desses homens.

Nas grandes cidades como São Paulo, encontra-se grupos de apoio também para adolescentes e jovens, os grupos ocorrem nas escolas e tem o principal objetivo de auxiliar os participantes nesse momento decisivo da vida e que traz a tona várias questões subjetivas. Tais grupos muitas vezes se iniciam voltados para o público feminino e com o tempo se estendem para os meninos também. Além do auxílio com questões individuais, os grupos são pontes para o desenvolvimento de redes de apoio e são capazes de criar sentimento de pertencimento, características que fazem com que os resultados sejam duradouros e difundidos pelos próprios participantes.

Conclui-se então, que a masculinidade é uma construção social e por isso tem consigo a característica de ser mutável, uma vez que os ideais sociais são definidos a partir de um processo sócio-histórico e a sociedade está em constante readaptação. Percebe-se a infância como melhor, mas não único, momento da vida do ser humano para agregar conceitos e transforma-los em atitudes práticas. Sendo assim o foco nas crianças e no ambiente escolar faz sentido e é eficaz, mas em contrapartida, é preciso dar à pessoas em outras fases do desenvolvimento a oportunidade de entrar em contato com os novos e emergentes ideias sociais, uma vez que ainda fazem parte dessa sociedade e podem contribuir de forma expressiva no bem estar social.

Referências

- Abib, José Antônio Damásio. (2001) Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 107-117. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100009>
- Braz M. (2005). A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1): 97-104
- Juliani, Carmen Maria Casquel Monti, & Ciampone, Maria Helena Trench. (1999). Organização do sistema de referência e contra-referência no contexto do Sistema Único de Saúde: a percepção de enfermeiro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 33(4), 323-333. <https://doi.org/10.1590/S0080-62341999000400001>
- Meneghel, Stela Nazareth, Giugliani, Elsa J., & Falceto, Olga. (1998). Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. *Cadernos de Saúde Pública*, 14(2), 327-335. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1998000200009>
- Narvaz, Martha Giudice, & Koller, Sílvia Helena. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 49-55. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>
- Organização Pan-Americana de Saúde Brasil. (2019). Masculinidade tóxica fará com que 1 em cada 5 homens nas Américas não alcancem os 50 anos. Brasília: autor recuperado de https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6062:masculinidade-toxica-fara-com-que-1-em-cada-5-homens-nas-americas-nao-alcancem-os-50-anos&Itemid=820
- SIQUEIRA, M.J.T. 1997. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. *Psicologia USP*, São Paulo, SP, Brasil.
- Vieira, Timoteo Madaleno, Mendes, Francisco Dyonisio C., & Guimarães, Leonardo Conceição. (2010). Aprendizagem social e comportamentos agressivo e lúdico de meninos pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 544-553. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000300015>

